



**Universidade:
presente!**

UFRGS
PROPEAQ



XXXI SIC

21. 25. OUTUBRO • CAMPUS DO VALE

Evento	Salão UFRGS 2019: SIC - XXXI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2019
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	O coro excêntrico na Electra de Eurípides
Autor	BRUNO PALAVRO
Orientador	CARLOS LEONARDO BONTURIM ANTUNES

O coro excêntrico na *Electra* de Eurípides

Autor: Bruno Palavro

Orientador: Carlos Leonardo Bonturim Antunes

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Minha pesquisa de Iniciação Científica, vinculada ao projeto *Aisthesis: problemas fundamentais da estética*, teve como foco primário o estudo da tragédia grega *Electra*, do compositor Eurípides (480-406 a. C.), com atenção principal aos seus trechos corais e ao modo como estes se articulam com o resto da peça em comparação à versão homônima de Sófocles. O trabalho se fundamentou basicamente na leitura detida dos seguintes textos: 1) *Electra* de Eurípides, *Electra* de Sófocles (e *Coéforas* de Ésquilo, para comparação complementar); 2) *Poética* de Aristóteles (384-322 a. C.), como partida para reflexões tradicionais sobre estética da tragédia grega, e *Aristóteles ou o vampiro do teatro ocidental* (Dupont, 2017), enquanto contestação teórica e contrapartida para a análise realizada; 3) estudos acessórios acerca do teatro de Eurípides, de sua recepção moderna e de considerações gerais sobre poesia, em especial *The modern reception of Euripides* (Michellini, 1988) e *The art of poetry* (Pound, 1954). O problema abordado parte das observações de Aristóteles de que Eurípides, apesar de ser “o mais trágico dos poetas”, não organiza bem o resto de sua tragédia. Essa má organização se atestaria, diferentemente de Sófocles, pela disjunção de seus coros em relação ao resto da peça, uma vez que, dissociados do enredo – o *mythos* aristotélico –, estariam reduzidos quase que ao papel de meros interlúdios, de modo a prejudicar uma pretensa “unidade dramática”. Para Dupont (2017), contudo, ao isolar o texto para fazer dele um objeto de análise, o filósofo inaugurou uma tradição do “teatro do texto”, intelectualizado, que ignorava o espetáculo para ao mesmo tempo eximir a tragédia ateniense do caráter contingente da performance e dissociá-la de sua relevância cultural enquanto celebração da pólis. Seria justamente de sua posição de leitor que Aristóteles fez decorrer a soberania do *mythos*, cerne do processo de descontextualização da tragédia ateniense. A partir de uma tentativa de análise extra-enredo, tentei me ater a projeções genéricas próprias à tragédia ateniense enquanto *concurso musical* e conjugá-las a construções imagéticas e figurações altamente contrastivas no funcionamento do coro da *Electra* de Eurípides, tendo em contraposição a versão de Sófocles. Assim, busquei positivar o nível impressionístico ao qual o coro de Eurípides possivelmente se projetava, e mostrar que é pouco razoável exigir como critério de “beleza trágica” a sujeição irrestrita do coro ao enredo, uma vez que a carga emotiva daquele tem o potencial de transcender a ação. Ao fim da pesquisa, pude concluir que a razão aristotélica não reflete o programa da tragédia ateniense: nada além da *Poética* impõe os trechos corais como a serem parte efetiva da ação e submetidos ao enredo (i. e., ao *mythos*), nem é razoável pensar que haja beleza inerente a essa condição por uma ideia estrita de unidade dramática. Nesse sentido, é possível ampliar nosso olhar para a tragédia ateniense tanto no que supomos ser próprio de seu contexto antigo quanto na apreciação atual dos textos que nos chegaram, bem como enriquecer nossa apreciação sobre a tragédia antiga sob a condição de que nos desvinculemos de uma visão estritamente aristotélica.